

# “Minha mãe faz tudo por mim”: um estudo de caso<sup>1</sup>

Isabella Rosa de Oliveira<sup>2</sup>

Usamos a palavra “normal” e “saudável” quando nos referimos a pessoas, e provavelmente sabemos o que queremos dizer. De tempos em tempos pode ser proveitoso tentar explicar o que queremos dizer-sob o risco de dizer o óbvio ou de descobrir que não conhecemos a resposta (Winnicott, 1999).

O caso descrito nesse trabalho chegou até mim devido ao estágio obrigatório durante minha graduação no curso de bacharel em Psicopedagogia. Na época, estava no quarto ano e este seria o meu primeiro contato com um paciente. Conforme as orientações do núcleo de atendimentos psicopedagógicos da universidade, escolhi um encaminhamento. O nome do paciente é Cristiano<sup>3</sup>, na época estava com oito anos de idade e frequentava o primeiro ano do ensino fundamental de um colégio particular.

Início o estágio no segundo semestre de dois mil e oito. Sigo o protocolo do diagnóstico psicopedagógico, fazendo primeiramente a entrevista inicial com a mãe e avó materna. As mesmas me contam que os pais são separados desde que o menino tinha quatro anos, e que desde então vive apenas com a família materna, que conta ainda com um avô.

Cristiano nasceu dentro do período normal de gestação. Segundo a mãe seu desenvolvimento era normal, porém ela relatava que as pessoas precisavam dizer a ela quando deveria estimular o menino, para que este pudesse ingressar nos estádios de desenvolvimento. Começou a caminhar e a falar tardiamente, por volta dos três anos. Mostrava-se extremamente dependente da mãe para realizar sua higiene pessoal, alimentação e demais atividades consideradas normais no desenvolvimento de uma criança. Na entrevista, ambas relatam o perfil perigoso, violento e desequilibrado do pai, que seria alcoólatra e que por esses motivos, o mesmo estava judicialmente proibido de visitar e conviver com o menino. Questionada sobre a rotina do menino, a avó conta que ele dorme na mesma cama que mãe e me pergunta se acho que está errado.

Conheço Cristiano. Entra com tranquilidade na sala, contudo não sabe muito bem porque veio ao meu encontro. Nas demais sessões participa sempre apresentando seu mundo fantasioso, no qual os brinquedos e ele se misturavam. Na sessão intitulada a hora do jogo, Cristiano pinta todos os móveis da sala, com tinta têmpera. Ri e se delicia com sua produção. Nas provas projetivas representa o pai como sendo um ladrão perseguidor. Ao final deste semestre conheço o

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na Jornada do CPRS em 12 de abril de 2014.

<sup>2</sup> Psicopedagoga; Em formação psicanalítica.

<sup>3</sup> Nome fictício usado para preservar a identidade do paciente;

pai. Que para a minha surpresa não condizia com as características descritas pela mãe e avó materna. Pelo contrário, aparenta muito nervosismo com o que eu poderia estar pensando sobre ele.

Em 2009 o menino passa para o segundo ano do ensino fundamental e meus atendimentos continuam. Começam algumas preocupações da escola com seu potencial cognitivo. Nas sessões Cristiano reconhece seu desejo pela aprendizagem, mas fica bastante presente a ligação com sua mãe e o quanto esta determina seu desempenho. O menino entra em conflito, por ter opiniões diferentes e por sentir prazer em voltar a visitar o pai quinzenalmente. Porém, não consegue distinguir-se do desejo da sua mãe, ou seja, separar-se dela.

A seguir relato de uma sessão em meados de 2009.

Cristiano entra, senta-se e inicia dizendo: Vamos desenhar, né? Fica alguns minutos parado em frente a sua folha. Incomoda-se por eu fazer o mesmo e fala: “Tu não vai desenhar?”, “escolhe uma cor!”, “o que tu vai fazer?”, “eu não sei o que vou desenhar”.

Quando inicio o meu desenho, pede para olhar e copiar. Tenta fazer igual, mas não consegue. Fica frustrado amassando o papel diversas vezes e fala: “eu não sei fazer igual a você, o meu é feio e o teu é bonito.” Nesta sessão dou-me conta que Cristiano reproduz comigo sua dependência materna, e ao mesmo tempo entra em contato com seu mundo interno, ainda pouco desenvolvido. Conversamos sobre esse sentimento, então ele fala: “deixa eu fazer igual a você?”

Seguem-se várias sessões em que Cristiano pede para desenhar igual a mim, e desta forma percebo o quanto idealiza a minha figura. Será que nesta idealização, ele conseguiria suprir alguns vazios da relação com a sua mãe?

Cristiano neste convívio com a figura materna mantinha uma relação bastante simbiótica, pois o menino não tinha espaço para desenvolver e praticar sua autonomia, ou seja, diferenciar-se desta mãe. Era totalmente dependente da mesma, sendo que em muitas vezes, esta fazia seus temas da escola. A mãe envolvia o menino contra seu pai, caracterizando este como sendo uma pessoa perigosa. Assim, Cristiano cresceu até quase os onze anos em um processo de desenvolvimento não condizente para a sua idade. Certamente este caso poderia ser analisado sobre diversos aspectos, abordando teorias importantes como a de M. Klein e Joyce McDougall. Contudo focarei na teoria desenvolvida por D. Winnicott, que desde que entrei em contato com a mesma, foi a que me estimulou a pensar no desenvolvimento de Cristiano, agora com as contribuições da psicanálise.

Winnicott aborda em diversos escritos a importância da relação mãe-bebê. Segundo ele “mesmo quando o bebê está vivendo num mundo subjetivo, a saúde não pode ser descrita em termos apenas individuais.” (Winnicott, 1999, p. 5). No início do desenvolvimento, a relação é

simbiótica, o que coloca mãe e bebê submetidos um em relação ao desejo do outro. Tal relação é necessária para que o bebê constitua seu mundo interno, e possa distinguir em seguida o “eu e não-eu”.

O autor refere-se “ao processo bidirecional em que a criança vive num mundo subjetivo e a mãe se adapta, com o intuito de dar a cada criança um suprimento básico da *experiência de onipotência*. Isso envolve uma relação viva” (Winnicott, 1999, p. 5).

A mãe que permite ao seu bebê passar por essa experiência, assume o papel da mãe suficientemente boa, que provê as necessidades do filho, mas oportuniza gradativas frustrações, afastamentos para que a criança possa crescer (Winnicott, 1999). Deste modo Winnicott salienta: “A mãe que consegue funcionar como um agente adaptativo apresenta o mundo de forma a que o bebê comece com um suprimento da *experiência de onipotência*, que constitui o alicerce apropriado para ele, depois, entra em acordo com o princípio da realidade” (Winnicott, 1999, p. 13).

Esse interjogo dos objetos internos e externos conceituam uma vida psíquica saudável. “Todas essas coisas andam juntas e combinam-se, na sensação de sentir-se real, de ser e de haver experiências realimentando a realidade psíquica interna, enriquecendo-a, dando-lhe direção” (Winnicott, 1999, p. 14).

No caso de Cristiano, consegui perceber que as relações desenvolvidas inicialmente com sua mãe não estavam sendo suficientemente boas, e que desta forma, o atendimento comigo veio para suprir algumas lacunas no seu desenvolvimento. Relendo minhas anotações desse caso, percebi quantas vezes precisei fazer o papel materno de mediar à realidade para o menino, auxiliando-o no processo de leitura, escrita, desenvolvimento social. Muitas vezes a mãe de Cristiano fazia-me perguntas como: você acha que eu devo deixá-lo visitar o pai? Ir ao aniversário de um colega? Fazer catequese ou ensino confirmatório? Trocá-lo de escola? Segundo Winnicott (1975, p. 175),

Gradativamente, a separação entre o não-eu e o eu se efetua, e o ritmo dela varia de acordo com o bebê e com o meio ambiente. As modificações principais realizam-se quanto à separação da mãe com aspecto ambiental objetivamente percebido. Se ninguém ali está para ser mãe, a tarefa desenvolvimental do bebê torna-se infinitamente complicada.

Há dois anos o pai ganhou a guarda do menino, sendo que este vem contribuindo para que o filho busque se desenvolver. Desde então Cristiano tem tomado consciência das suas possibilidades, habilidades e desejos, sendo constantemente estimulado a ter responsabilidade, autonomia e independência nas suas tarefas cotidianas. Para ele está sendo gratificante cada conquista feita, mas ainda demonstra dependência emocional quando lhe aparece algum desafio desconhecido, ou em alguma situação na qual precisa usar o pensamento crítico. Além disso, por

determinação judicial, o menino encontra a mãe quinzenalmente, os encontros são supervisionados por uma psicóloga. Após esses encontros, por relatos do pai e algumas observações minhas em sessão, fica visível que Cristiano se desestabiliza, não conseguindo corresponder às necessidades da realidade, de modo, que na minha leitura, o menino ainda mantém-se ligado a sua mãe, e desta forma fica vulnerável.

Após um desses encontros com a mãe, Cristiano chega à sessão, que passou a ser mensal pela mudança de residência com o pai, me pedindo para lhe ajudar a fazer um facebook. Digo que precisamos conversar sobre isso. Ele me justifica que todos os seus colegas têm e que ele quer fazer um também. Questiono se já havia falado sobre isso com seu pai, ele responde que não. Digo então que teremos que conversar com ele sobre isso e me proponho a mediar à conversa. O pai de Cristiano fica intrigado com o pedido do filho, e diz que ele precisa se esforçar mais no colégio para poder usar a internet. Logo após a sessão o pai me liga e conta-me que Cristiano foi incentivado pela mãe, no último encontro a fazer um facebook, pois ela tem e assim o menino falaria mais facilmente com ela. Preocupado com o que possa repercutir dessa situação, o pai de Cristiano acha que ainda é muito cedo, pois o menino ainda é instigado pela mãe a inventar situações na qual o pai é violento e bêbado. Percebo que o intuito da mãe é tentar negar o papel do pai, degradando sua imagem, neste sentido, Winnicott considera

O pai pode ou não ter sido um substituto materno, mas em alguma ocasião ele começa a ser sentido como se achando lá em um papel diferente, e é aqui que sugiro que o bebê tem probabilidade de fazer uso do pai como um diagrama para sua própria integração, quando apenas se torna às vezes uma unidade (Winnicott, 1979, p. 188).

O papel do pai na mudança de comportamento e perspectiva de Cristiano é visível. Porém, percebo que a batalha travada dentro do menino entre uma mãe patológica e um pai num papel mais saudável, sofre diversas vezes. Cristiano em sua própria maneira de se abster da responsabilidade de ser sujeito de si, acaba por fugir do enfrentamento sofrido e angustiante, quando deparar-se com sua realidade. Ainda que seu desejo já seja de poder driblar seus adversários, como seu ídolo do futebol Cristiano Ronaldo<sup>4</sup>.

## Referências

WINNICOTT, D. W. *A criança e seu mundo*. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

\_\_\_\_\_. *O brincar e a realidade*. Trad. Jose Octavio de Aguiar Abreu; Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

\_\_\_\_\_. *Tudo começa em casa*. Trad. Paulo Sandler. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

---

<sup>4</sup> Eis a justificativa do codinome.